



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS – DLES**

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUTOS DO  
PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS-INGLÊS**

**NAYLA RAQUEL SANTOS CORRÊA**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE**

**2021**

**NAYLA RAQUEL SANTOS CORRÊA**

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUTOS DO  
PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS-INGLÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso, requisito básico para a colação de grau no curso de Letras com habilitação em língua inglesa e língua portuguesa, pela Universidade Federal de Sergipe, desenvolvido a partir da coleta e análise de um extenso banco de dados a respeito dos resultados obtidos pelo Programa Idiomas sem Fronteiras na UFS.

Orientadora: Prof. Dra. Elaine Maria Santos

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2021**

## INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUTOS DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS-INGLÊS

Nayla Raquel Santos Corrêa<sup>1</sup>

### Introdução

Desde a implementação do Programa Inglês sem Fronteiras (IsF), a partir da divulgação da portaria normativa 1.466, de 19 de dezembro de 2012, três importantes pilares embasam as ações do IsF, tais como, ensino de línguas, internacionalização e formação de professores. Os dois primeiros fundamentos surgiram com maior ênfase nas portarias inaugurais, somando ambos, vinte e uma menções até a portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014, a qual institui o Idiomas sem Fronteiras e adiciona mais seis línguas ao acervo do Programa. Não obstante, no Núcleo da Universidade Federal de Sergipe (Nucli-UFS) apenas os idiomas inglês, espanhol, francês e português para estrangeiros (PLE) desenvolvem ações junto à comunidade acadêmica.

Sabe-se que a motivação inicial para a formulação do Programa IsF veio a partir da observância da falta de proficiência em língua inglesa, doravante (LI), dos alunos elegíveis ao Ciência sem Fronteiras (CsF); uma das maiores políticas públicas de internacionalização já vigentes no Brasil. Esse Projeto foi iniciado em 2011, por meio do decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Trata-se do fluxo transfronteiriço de alunos brasileiros para universidades parceiras de mais de 30 países, a fim de realizar atividades de ensino e pesquisa conjunta (BRASIL, 2011).

Ao analisarmos as atividades do CsF, nota-se uma baixa procura por instituições anglófonas, devido ao pequeno quadro de intercambistas fluentes em inglês. Diante disso, o ensino de línguas, o qual pode ser designado como caráter formador do Programa, consolidou-se como o primeiro preceito basilar do IsF, propenso a corrigir as disparidades linguísticas entre os alunos que pleiteavam uma vaga no CsF. A posteriori, com a Portaria Normativa de nº 49, de 29 de setembro de 2017, esse pilar, que outrora restringia o acesso às aulas para candidatos do CsF, passou a abranger toda a comunidade acadêmica (docentes, discentes e servidores), tornando o acesso ao ensino-aprendizagem de línguas mais acessível e democrático.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe. Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação da Profa. Dra. Elaine Maria Santos.

A formação de professores não era tida como uma prioridade, inicialmente, apesar de alguns NucLis, como é o caso do NucLi-UFS, já desempenharem tarefas de formação para os professores bolsistas desde 2013. São vistas tímidas referências a esse fundamento nas primeiras publicações sobre o Programa e, apenas em 2014, através da portaria nº 973, publicada em 14 de novembro de 2014, são observadas as primeiras menções a esse aspecto em um documento oficial. As alusões a este parâmetro, o qual se configura um dos principais objetos desta pesquisa, foram se intensificando a partir de 2016, quando a formação docente inicial se consolidou como o segundo pilar do Programa Idiomas sem Fronteiras (Brasil, 2012; 2014; 2016).

Contudo, antes mesmo de quaisquer arguições formais sobre a temática, o NucLi-UFS já se preocupava com a instrução dos licenciandos envolvidos. Para tal fim, o IsF-UFS empenhava-se em realizar encontros regulares para trocas de experiências e para que os professores bolsistas pudessem refletir sobre as suas práticas em sala de aula. Entre as práticas de formação docente, são destacadas as sessões de feedback, a fim de promover a avaliação de todo o material desenvolvido para as aulas, bem como discussões teóricas, fichamentos de textos e workshops e atividades voltadas para o desenvolvimento linguístico dos professores.

Este artigo é fruto de uma pesquisa quanti-quali, desenvolvida com o intuito de analisar os impactos da formação crítico-reflexiva de professores e ex-professores bolsistas do Programa Inglês sem Fronteiras-UFS, partindo das suas perspectivas e autoavaliação dos critérios elencados como essenciais para uma educação docente completa e de qualidade. Foi também pontuada a incidência da internacionalização como um diferencial para a prática do futuro formador, bem como para o desenvolvimento de habilidades de intercâmbios interculturais, denotando que há aprimoramento de competências orais e escritas em língua estrangeira.

Investigou-se, também, os conhecimentos metodológicos adquiridos e a importância das ações desempenhadas pelo Programa, com o objetivo de uma formação unitária ligada aos preceitos de autonomia docente, prática crítico-reflexiva e pós-método. Perquiriu-se, ainda, os resultados obtidos pelo Programa Inglês sem Fronteiras-UFS em termos gerais, seja no alcance de alunos da comunidade acadêmica, seja na instrução dos professores bolsistas.

No que concerne o IsF como uma política pública de internacionalização, foram apurados os subsídios desta, tanto para o preparo dos graduandos, quanto para a possibilidade que a comunidade acadêmica passou a ter de entrar em contato mais próximo com pessoas de outras culturas, com a criação de ambientes de trocas linguísticas e culturais. Essas oportunidades foram asseguradas tanto com as aulas do IsF quanto com as atividades

desenvolvidas em parceria com a Fulbright, por intermédio do Projeto de *English Teacher Assistants* (ETAs), do qual a UFS participa desde 2014 abertos, ofertando, para a comunidade acadêmica, aulas de conversação na língua inglesa, com foco em questões culturais.

### **Estabelecendo o lócus da pesquisa**

Seguindo as concepções de Proetti (2017) acerca de métodos investigativos para a pesquisa empírica, atenta-se que este artigo está pautado em uma pesquisa qualitativa documental e quantitativa, na qual foram examinados documentos oficiais que regem o Programa Idiomas sem Fronteiras, em três etapas. A priori, fez-se uma leitura rápida e pontual para uma compreensão geral do histórico do IsF, na sequência consultou-se, de maneira mais aprofundada, os escritos, com o intuito de organizar, relacionar e esquematizar as noções obtidas e, por fim, as informações averiguadas foram dispostas em gráficos e tabelas, comparadas com outras fontes de dados coletados também nesta pesquisa, as quais explicitam o curso seguido pelo Programa.

No que tange os pormenores quantitativos explorados neste estudo, foi selecionada e analisada uma extensa base de dados, conferida a partir de diários de classe, portarias normativas, editais, relatórios, memorandos de entendimento, entre outros documentos pertinentes para esta pesquisa.

Os arquivos elegidos são datados de 2012, desde a apresentação formal do Programa à comunidade acadêmica, até o atual cenário pandêmico (2021). Conquanto, vale salientar os aspectos qualitativos resguardados para este trabalho; elaborou-se e aplicou-se um questionário enviado por e-mail para todos os professores que atuam ou já atuaram no IsF durante os sete anos de vigência do Programa na UFS.

Os números alcançados pelo Programa entre os anos de 2014 a 2019 foram investigados e analisados, com a identificação do quantitativo de alunos ingressantes, concludentes e egressos; e entre 2014 e 2021, em relação ao levantamento de cursos por eixo temático. Os dados coletados foram comparados e contrastados com as respostas encontradas no questionário semiestruturado que foi encaminhado a todos os professores já atuantes no IsF-UFS, desde a sua gênese; com a obtenção de 80% de respostas enviadas. Averiguou-se o entendimento dos professores e ex-professores bolsistas a respeito de aspectos ligados à internacionalização, presentes em seu processo de formação por meio do IsF, assim como as habilidades na

utilização de metodologias diversas para diferentes perfis de turmas, tendo como base os conceitos do pós-método, multiletramentos, multimodalidades e letramento crítico.

O contexto pandêmico também foi levado em consideração uma vez que, nos questionários aplicados, os licenciandos em formação tiveram a oportunidade de se expressar sobre o processo de formação docente desenvolvido a partir de março de 2020.

### **O IsF-UFS e o processo de internacionalização do ensino superior**

Estudos que buscam esclarecimentos acerca dos conceitos e maneiras de internacionalizar não são recentes, tal qual o ato da internacionalização em si. Todavia, na Universidade Federal de Sergipe, as produções científicas canalizadas para esta área, tornaram-se mais frequentes a partir de 2016, quando os primeiros projetos de pesquisa, focalizando as temáticas supracitadas e as relacionando ao processo de ensino-aprendizagem de línguas, começaram a ser desenvolvidos, sob a orientação da coordenadora geral e coordenador pedagógico do ISF-inglês-UFS.

A partir dos trabalhos já publicados, foram perscrutadas as conexões estabelecidas entre o processo formador amparado pelo Programa Inglês sem Fronteiras-UFS e a internacionalização; de forma a esclarecer de que maneira manifesta-se a paridade entre esses princípios dentro do contexto da sala de aula. Tudo isso, respaldando-se na assimilação dos professores bolsistas entrevistados para esta pesquisa.

Tendo em consideração os principais intelectuais que alicerçaram esta investigação, destacamos a professora Jane Knight, que, com uma numerosa massa de publicações no ramo, a datar de 1980, é uma das autoras mais citadas quando o assunto é internacionalização do ensino superior, uma vez que, desde 2016, Knight já foi citada em 14.606 trabalhos acadêmicos (Google Scholar, 2021).

Para além de Knight, este estudo também se fundamentou nos escritos de Hans de Wit, Professor Universitário da *Boston College* e um dos mais importantes nomes para a sistematização da internacionalização universitária que se conhece atualmente., e a professora Luciane Stallivieri, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No que se refere à formação de professores, o estudo baseou-se, principalmente nos textos de Antônio Nóvoa, reitor da Universidade de Lisboa.

A internacionalização universitária é um processo profuso e que dispõe de múltiplas facetas, envolvendo muitos, senão todos os setores da instituição. Vale frisar que a internacionalização se trata de um comportamento geral que mobiliza toda a comunidade acadêmica e não apenas a criação de um departamento (STALLIVIERI, 2020), embora seja indispensável a criação de um conjunto norteador disposto a metodizar o processo internacionalizador a ser empregado na IES. De acordo com Rudzki (1998), esse fenômeno

se refere a um processo de mudanças organizacionais, de inovação curricular, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de desenvolvimento da mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar a excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades que são parte da função das universidades (RUDZKI, 1998 *apud* BORDIN, 2019).

Outros autores referência nessa área apresentam diversas definições, as quais podem ser assimiladas como complementares, já que os impactos da internacionalização do ensino superior são notados em muitas esferas. Em 2011, a *Association of International Educators* (NAFSA) publicou uma matéria voltada para a explanação da temática de *Comprehensive Internationalization* (CI). Nessa perspectiva, observa-se o caráter holístico da internacionalização, no qual tenciona-se não delimitar normas pré-estabelecidas e estáticas para que uma instituição se internacionalize, mas que cada IES deve encontrar sua própria trajetória, definindo os objetivos gerais e específicos partindo da sua realidade. A CI defende a diversidade do processo de inculcar uma dimensão internacional e intercultural na rotina da universidade, e o fato de que é possível explorar abordagens variadas para o alcance das metas já elencadas (HUDZIK, 2011).

Um fato pertinente a ser notabilizado, no que diz respeito à internacionalização, é que há registros de fluxos transfronteiriços de estudiosos muito antes da criação da primeira universidade Europeia, em Bolonha, em 1088. Um bom exemplo dessa prática foi o centro de saber Indiano Nalanda de estudos budistas, fundado no século V d.C., o qual recebia estudiosos do Centro e Sudeste asiático e Extremo Oriente, além de atender uma clientela de variadas regiões da Índia (SANTOS, 2012).

Outrossim, a mobilidade estudantil era muito comum durante a idade média. Devido a sua construção pouco burocrática e caráter altamente internacional, as universidades medievais eram capazes de realizar cooperações interinstitucionais de excelência e enviar alunos para atividades de ensino e pesquisa em outras IES, com a finalidade de partilhar saberes e ampliar o entendimento cultural do corpo social acadêmico. Após a segunda Grande Guerra, a internacionalização passou a ser vista como uma possibilidade de ensino a serviço da economia,

com isso proporcionando vantagens lucrativas para empresas e serviços locais (KRAWCZYK, 2008, p.43).

Na contemporaneidade, muito se tem falado a respeito da internacionalização em casa (IaH), uma vez que, em virtude do isolamento social, não foi mais possível a realização de intercâmbios presenciais. Para tanto, volta-se o olhar às medidas que devem ser tomadas dentro da IES, de onde deve-se partir. Ligado a isso, contempla-se uma busca mais voluptuosa pela internacionalização do currículo e maiores investimentos em recursos humanos. A criação de grupos de pesquisa em parceria com universidades estrangeiras, por exemplo, é uma excelente estratégia e beneficia tanto os pesquisadores, quanto as instituições envolvidas.

Na América Latina, a internacionalização foi arrojada um pouco mais tarde. Por volta dos anos 40, a globalização escancarou a necessidade de uma formação mais qualificada para profissionais de todos os campos, o que fez com que os mecanismos educacionais latinos precisassem passar por um extenso processo de aperfeiçoamento, o qual durou quarenta anos e favoreceu universidades de quase todos os países latinos.

Já na segunda metade do século XX, algumas reformas políticas motivaram alterações na matriz das IES. Essas passaram a ser regidas a fim de amparar não somente a instância mercantil, mas, também, o âmbito social. Foi nesse momento que se consolidaram as políticas de regionalização e buscou-se o fortalecimento das universidades locais a partir de projetos conjuntos de ensino, pesquisa e extensão, bem como da consumação de consórcios universitários.

Com maiores enfoques para a internacionalização em domínios locais, é crucial aludir que, no ano de 2020, a UFS deu um grande passo em direção a esse fenômeno. No dia 24 de setembro, a população acadêmica conheceu formalmente a Comissão Permanente de Internacionalização (COMPIN), que contou com a participação de diligentes de diversas áreas da UFS para um estudo coletivo sobre as concepções de internacionalização e relatos de experiência de outras instituições de nível superior, para que projetos possam ser desenvolvidos e avaliados, no âmbito da instituição. O evento inaugural ainda apresentou o corpo de colaboradores da Comissão, plano estratégico e ações a serem implementadas, com a finalidade de inculcar uma dimensão internacional no cotidiano da UFS.

### **Formação docente e o IsF**

A internacionalização e a formação de professores estiveram sempre atreladas aos objetivos principais do Idiomas sem Fronteiras, desde a sua gênese até a atual conjuntura.

Entretanto, na fase inicial do Programa, esses não eram os principais alvos e, por conta disso, as declarações sobre essas temáticas foram vistas com maior destaque nos documentos publicados posteriormente.

Apesar disso, com respeito à formação docente, constata-se que condutas formativas orientavam a laboração de todos os licenciandos que passaram pelo Programa, mesmo antes desses interesses serem incluídos nas portarias normativas que regem o Programa. A coordenação geral e pedagógica do IsF-UFS criou e manteve um plano de formação que integra reflexões críticas acerca do fazer docente, bem como o compartilhamento de relatos de experiências e a discussão de textos teóricos que estão baseadas nos conceitos do pós-método, dos multiletramentos, letramento crítico e ensino comunicativo, partindo da premissa de que o ensino de um idioma não pode estar pautado apenas no compartilhamento de questões linguísticas, devendo o contexto comunicativo, as competências comunicativas e a dimensão intercultural do ensino de línguas estar contempladas, ao mesmo tempo em que se torna necessário promover discussões que façam com que os alunos questionem o *status quo* encontrado na sociedade, a partir da problematização das situações que são apresentadas, com o objetivo de fazer com que o aluno se posicione diante dos textos, de forma crítica (SANTOS; GOMES, 2017, p.114)

A orientação formativa do IsF-UFS está fundamentada em algumas vertentes teóricas, como visto acima. No que se refere ao ensino de línguas, o pós-método é um dos respaldos prevaletentes, já que se busca, no Programa, formar professores autônomos, conhecedores das dinamicidades metodológicas e capazes de aplicar o mecanismo mais viável para cada turma que se tenha. Todas as atividades formativas têm o professor na posição central, considerando que qualquer método só pode ter eficácia se aplicado de forma consciente pelo docente. Este, ao analisar as necessidades do alunato, e utilizando dos conhecimentos teóricos que possui, é capaz de planejar suas aulas e preparar atividades mais coerentes e condizentes com as necessidades do aluno. Assim, o professor é capaz de praticar a partir da teoria que dispões e teorizar tendo a sua prática como ponto de partida (KUMARAVADIVELU, 2006).

O pós-método privilegia práticas de ensino indutivas e comunicativas, e são esses os conceitos trabalhados no processo de formação do IsF-UFS. As aulas são preparadas a partir do estudo das necessidades dos alunos, com o estabelecimento de *gaps* de informação que precisam ser preenchidos durante as atividades, com materiais autênticos, que privilegiam a comunicação, práticas indutivas e com a participação ativa do aluno, a partir de práticas indutivas (SANTOS; GOMES, 2016).

Ademais, as propostas de formação desenvolvidas no IsF-UFS também estão ligadas às práticas de multiletramentos, uma vez que, durante o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido, todas as ações desenvolvidas estão pautadas nas esferas comunicacionais (sociais, culturais e de domínio específico), não somente a decodificação de signos linguísticos (COPE *apud* BRANDÃO 2016). Para além disso, o leitor precisa ser capaz de interagir com o texto de maneira crítica, o que evidencia a práxis do letramento crítico de Paulo Freire.

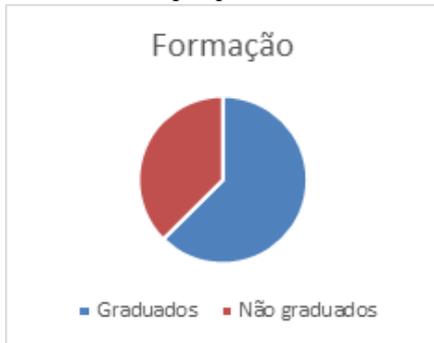
Similarmente, o encadeamento de formação do IsF ainda está correlacionado às convicções de multimodalidade, que possui características afins às dos multiletramentos. Porém, nesse caso, fala-se da abrangência de diversos tipos de linguagem que devem ser instigadas no decurso de alfabetização de um indivíduo, visto que a linguagem escrita não é a única envolvida nas relações comunicacionais.

### **A percepção de (ex) professores do IsF-UFS sobre o processo de formação de professores desenvolvido**

Como etapa concluinte da pesquisa, um formulário foi criado e respondido na plataforma digital *Google Forms*. Com esse questionário, foi possível ponderar sobre a percepção dos professores e ex-professores bolsistas do IsF no que diz respeito à formação docente desenvolvida durante o período de atuação no Programa, assim como o entendimento destes no que concerne à internacionalização diretamente ligada ao exercício profissional. É de grande valia focalizar que, desde a coleta até o tratamento dos dados, todo o processo se deu à distância, por meio de recursos tecnológicos, em decorrência do distanciamento social imposto pela pandemia do COVID-19.

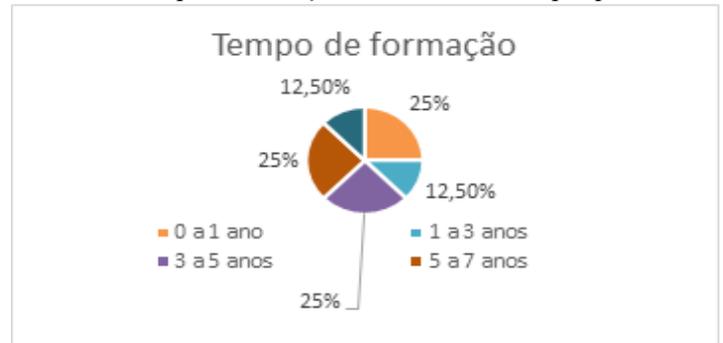
O grupo respondente desta pesquisa corresponde a 80% do quadro geral de docentes do Programa. Destes, 50% têm idade entre 18 a 25 anos, 25% têm de 25 a 30 e os outros 25% restantes, têm até 35 anos de idade. Também perguntamos aos entrevistados se eles já eram graduados e, aos que responderam afirmativamente, há quanto tempo haviam concluído o nível superior. Como resposta, obteve-se que 62,5% já são formados e 37,5% ainda estão na graduação, conforme destacado nos gráficos disponibilizados a seguir.

Gráfico 1: Nível de formação da comunidade da pesquisa



Fonte: Dados coletados pela autora

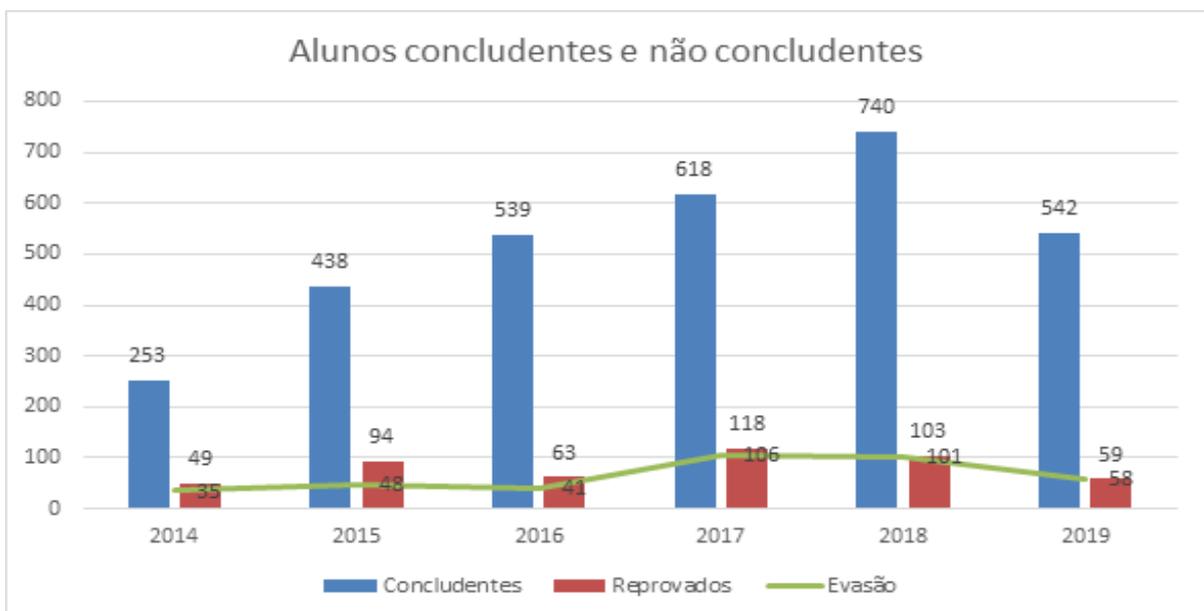
Gráfico 2: Tempo de formação da comunidade da pesquisa



Fonte: Dados coletados pela autora

Dos professores que responderam a esta pesquisa, apenas 43,5% permanecem no Programa atualmente. Questionou-se aos entrevistados por quanto tempo eles perduraram no IsF e quais os anos em que operaram como professores (gráficos 4 e 5). Apanhadas essas informações, alguns esquemas foram construídos, a fim de acompanharmos os movimentos anuais de professores dentro do Programa. Sendo assim, notou-se que, de 2018 a 2020, houve uma estabilidade na manutenção de 7 professores bolsistas e, mesmo frente aos cenários sociais e políticos conturbados, o Programa teve apenas a perda de um professor. Esses números obtidos, em comparação com os dados coletados em uma pesquisa anterior, a respeito da clientela acadêmica atendida entre os anos de 2014 e 2019, apontam interessantes elementos do ápice do Programa na Universidade Federal de Sergipe e a manutenção da mesma quota, mesmo em situação de crise (gráficos 3 e 4).

Gráfico 3: Alunos concludentes e não concludentes do IsF-Inglês da UFS, por ano



Fonte: dados coletados pela autora

Gráfico 4: Professores do IsF-UFS, por ano



Fonte: dados coletados pela autora

Gráfico 5: Tempo de atuação dos professores do IsF-Inglês na UFS



Fonte: dados coletados pela autora

Ao observar o gráfico 4, pode-se constatar que o pico do Nucli-Inglês-UFS foi o ano de 2018, ano em que também foi publicada a política linguística da Universidade. Não obstante, deve-se acentuar que, logo após esse grande crescimento, o Programa passou por um momento turbulento, com severos cortes de verbas, o desligamento junto ao Ministério da Educação e a sua adesão junto à ANDIFES. Percebemos uma redução de turmas ofertadas a partir de 2019, o que pode ser comprovado ao analisarmos os cursos ofertados pelo IsF-Ufs a partir de 2018, na Tabela 1.

Tabela 1: Turmas ofertadas pelo IsF-Inglês da UFS, entre 2018 e 2019

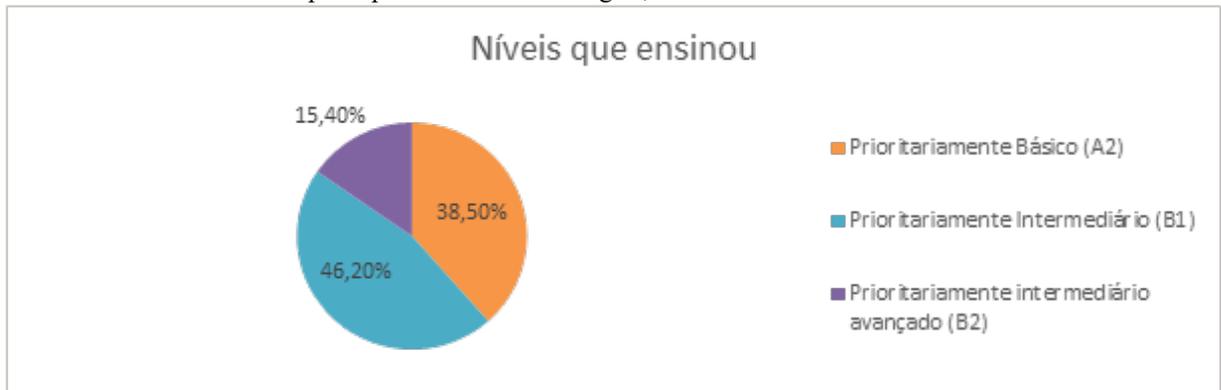
Eixo temático	2018	2019	2020	2021 (1º semestre)
Hab. Orais	23	11	4	5
Hab. Escritas	11	11	1	3
Questões acadêmicas e culturais	5	3	3	-
Preparatório para exames	9	-	-	-
Outros	11	5	2	-
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>30</b>	<b>10</b>	<b>8</b>

Fonte: dados coletados pela autora

Perguntamos, ainda, aos respondentes, quais os níveis que eles haviam ensinado prioritariamente. Mais de 80% dos entrevistados responderam nível básico (A2) e intermediário

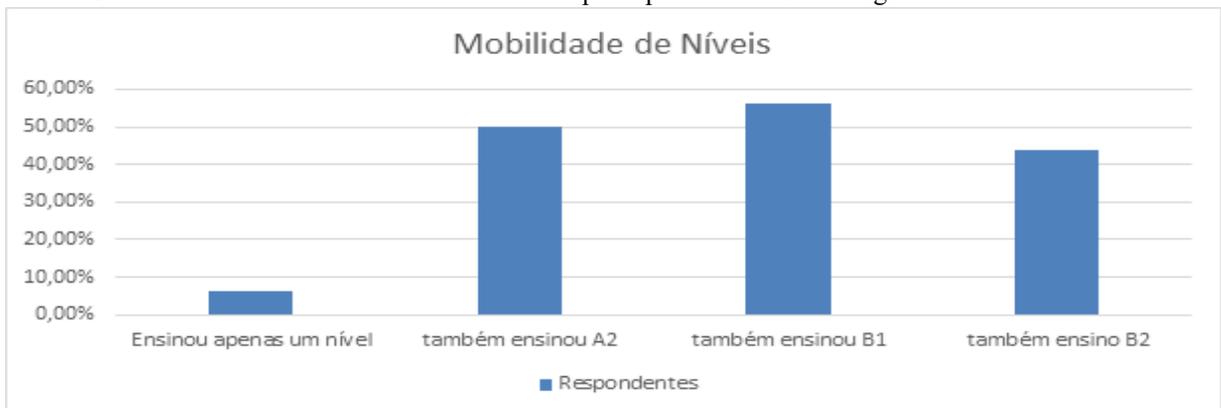
(B1) e apenas cerca de 12% ensinaram prioritariamente o nível intermediário-avançado (B2). Em seguida, questionamos quais os outros níveis que também foram ensinados durante o exercício, no Programa. No geral, apenas 6,3% dos respondentes ensinaram em apenas um nível, conforme destacado nos gráficos 6 e 7.

Gráfico 7: Níveis ensinados pelos professores do IsF-Inglês, na UFS



Fonte: dados coletados pela autora

Gráfico 7: Análise da mobilidade de níveis ensinados pelos professores do IsF-Inglês da UFS



Fonte: dados coletados pela autora

Sumariamente, pode-se deduzir que há certa similitude no que diz respeito à mobilidade entre níveis, posto que apenas uma pequena parcela dos participantes não ensinou em mais de um nível. Diante disso, pode-se apontar aqui o mecanismo de desenvolvimento linguístico como um grande atenuante, não somente para o aprimoramento das habilidades do falante, mas, também, como recurso indispensável para o sistema formativo dos graduandos. Os professores não ficaram restritos ao ensino de apenas um nível, aproveitando a oportunidade no programa para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas necessárias para que mais de um público fosse atendido nas aulas preparadas.

Solicitamos que os entrevistados indicassem, em uma escala de um a seis; na qual um equivale a pouco relevante e seis – muito relevante; as contribuições mais marcantes do IsF

para a performance que cada um deles poderia ter no mercado de trabalho e, entre as diversas opções colocadas, os principais contributos apontados pelos professores dizem respeito à estruturação de material didático próprio e às trocas realizadas entre discentes e docentes.

Um grande diferencial do IsF é a confecção de ferramentas didáticas autorais. Esse recurso, apesar de trabalhoso inicialmente, permite aos licenciandos uma autonomia ainda maior em relação a materiais prontos, os quais podem ser facilmente adaptados a fim de atender as necessidades de cada clientela. Tal prática auxilia ainda na preparação de um conjunto próprio de conteúdos diretamente criados com intuítos bem estabelecidos. Diante do exposto, e em comparação com os números apresentados pelo gráfico, é possível constatar que a bagagem adquirida pelos professores durante a permanência no Programa foi e é de grande valia para a construção de saberes e desenvolvimento de estratégias viáveis dentro da sala de aula.

Entre os demais subsídios marcados com grande ênfase pelos respondentes estão as leituras e discussões teóricas, a atuação no mercado de trabalho e a oportunidade de trabalhar com o inglês acadêmico, ambos apontados com importância máxima por mais de 50% dos entrevistados. No que concerne à inserção no mercado de trabalho, vale destacar que 68,8% dos professores que responderam à pesquisa trabalham atualmente na área de língua inglesa, destes mais de 80% trabalham no setor privado.

As demais vantagens explanadas exprimem similaridades nos números que contornam máxima relevância apontada pelos entrevistados. Os números giram em torno de 40%, com o número 6 o mais apontado pelos respondentes. Já o número 1, que denota pouco destaque para a ação, aparece apenas uma vez, no item “habilidade de atuar em ambientes multiculturais e plurilíngues”. Esse dado, assinalado por um entrevistado que atuou nos anos de 2014 e 2015, mostra como a incidência da internacionalização ligada aos conceitos de ensino não eram tão vigentes logo no início do IsF, o que também pode ser notado através da análise documental apresentada em seções anteriores, na qual o objetivo principal das aulas promovidas pelo Programa era atender a alunos elegíveis ao CsF e desenvolver suas habilidades linguísticas para que estes pudessem realizar intercâmbios em universidades anglófonas. Porém, a aplicação de internacionalização passou a ser mais notada no mesmo momento em que observamos o aumento considerável de menções em documentos oficiais a essa prática, de modo que o Programa passou a ser visto como uma política pública de internacionalização.

Ao serem perguntados sobre o vínculo entre o Programa IsF e a internacionalização do ensino superior a níveis local e nacional, foi citado o ensino de línguas como um papel fundamental para a internacionalização das IES, com destaque para o IsF nessa tarefa. Destaca-

se, nesse cenário, a preparação de alunos e corpo docente tanto para o recebimento de parceiros internacionais, bem como para o trânsito de brasileiros, a fim de realizar tarefas acadêmicas em instituições de outros países. Além disso, em muitas respostas, o acolhimento das ETAs foi denotado como estratégia viável para habituar a universidade a um convívio intercultural.

### **Algumas Considerações**

O Programa Inglês sem Fronteiras-UFS oportuniza aos professores bolsistas uma formação com vistas à internacionalização, na qual, prioriza-se a autonomia docente e discente, sistematizada a partir de práticas educacionais que valorizam o pós-método, o ensino comunicativo e o letramento crítico. O número ainda reduzido de bolsistas limita a ação do programa, uma vez que, com um aumento no investimento institucional, seria possível alcançar um número superior de graduandos interessados e, conseqüentemente, atender uma demanda muito maior da comunidade acadêmica, a partir do desenvolvimento linguístico da população universitária como um todo.

A análise das respostas dos (ex)professores do Programa fez-nos perceber o quão fundamental é trabalhar os conceitos de internacionalização junto à equipe de professores, uma vez que eles precisam estar cientes da configuração dos cursos desenvolvidos e do modo pelo qual as temáticas trabalhadas estão conectadas a um processo de internacionalização do Ensino Superior. Os bolsistas mais antigos do programa mostraram uma maior carência nesse sentido, não estando muito certos, em alguns momentos, sobre a ligação do IsF com a internacionalização.

É também importante destacar que todos os professores respondentes sinalizaram uma percepção sobre o papel formador do programa e da importância de terem participado do IsF-Inglês para a construção de um perfil pessoal e profissional, considerado como fundamental para os ganhos profissionais já conquistados, principalmente os que já saíram do programa, e que se sentem satisfeitos com a trajetória profissional que vem sendo conquistada.

A fim de estender os alvites formativos disseminados pelo Programa Inglês sem Fronteiras, faz-se necessário um olhar mais cuidadoso aos interesses e privações enfrentadas pelo IsF. Diante disso, é fundamental o investimento institucional e o direcionamento de custeios para que as carências do Programa sejam assistidas e as ações possam, até mesmo, ser ampliadas. Afinal, trata-se de um recurso muito valioso para a internacionalização da IES, e que promove benefícios econômicos, culturais e sociais.

Deve-se pontuar que o IsF ultrapassa as definições de um simples curso de idiomas, uma vez que, na matriz dos seus objetivos principais, há uma sucessão de subsídios que vão muito além de apenas desenvolvimento linguístico. Ademais, nota-se muito claramente o caráter multifacetado do Programa, já que ampara as necessidades dos comunidade acadêmica atendida, sem esquecer do processo de formação dos discentes envolvidos.

## Referências

- PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen-ISSN: 2447-8717**, v. 2, n. 4, 2018.
- BORDIN, Tamara Maria et al. A internacionalização da Rede Federal de Educação Tecnológica: uma abordagem sobre a estrutura administrativa. **Práticas em Gestão Pública Universitária**, v. 3, n. 1, p. 58-74.
- HUDZIK, John K. Comprehensive internationalization. Washington, DC: NAFSA, **The Association of International Educators**, 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Decreto nº 7.614**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 13 dez, 2011.
- KNIGHT, Jane. Updated definition of internationalization. **International higher education**, n. 33, 2003.
- KURAMAVADIVELU, B. **Understanding Language Teaching: from Method to Postmethod**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.
- SANTOS, Fernando Seabra; DE ALMEIDA FILHO, Naomar. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012.
- SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. **Temas de cultura e civilização anglo-americana**. São Cristóvão: CESAD/UFS, 2016.
- SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. Formação de professores e o ISF–UFS: formando professores críticos. **Revista Letras Raras**, v. 6, n. 1, p. 111-127, 2017.
- BRANDÃO, Jéssica Rezende Diniz. Multiletramentos: o (re) pensar de uma ideia. **Revista Philologus**, Ano 22, Nº 66 Supl., set./dez.2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 1466**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 19 dez. 2012.

BRASIL, **Resolução N. 1/2019**. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Brasília, DF. 12, nov, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 973**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 14 nov, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 30**. Brasília, DF: 28 jan, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Edital de Recredenciamento nº 29**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 13 abr, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Painel de Controle do Programa Ciências sem Fronteiras**. Brasília, DF: Ministério da Educação, jan, 2016. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-control>> Acesso em: 29 jun, 2020